

## O DESAFIO DE PROPOR UMA BRINCADEIRA PARA DESENVOLVER ELEMENTOS PSICOMOTORES PARA ALUNOS DA ESCOLA MUNICIPAL DA ALDEIA MÃE DOS INDÍGENAS POTIGUARAS

Denise Schittine<sup>1</sup>  
Renata Nunes Leite<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente trabalho é fruto da proposição de uma atividade que pudesse estimular os elementos psicomotores de esquema corporal, lateralidade, orientação espaço-temporal e equilíbrio de forma lúdica em crianças de seis a sete anos de idade. A ideia é estimular o aprendizado por meio da psicomotricidade. A atividade, em princípio simples, consiste em colocar as crianças diante do espelho e pedir para que toquem determinadas partes do corpo, depois se são capazes de fazer os mesmos movimentos com os olhos vendados. Depois, explicar para os alunos os lados esquerdo e direito e ver se conseguem localizá-los no próprio corpo e no corpo do professor ou colega de turma. A atividade se fecha com uma roda de música que estimule a dança e os gestos das crianças para ver o quanto a atividade lúdica é capaz de fixar o aprendizado. Na Escola Centro Social São Miguel, localizada na aldeia mãe dos indígenas Potiguara, na Baía da Traição, Paraíba, duas restrições foram encontradas: a falta do espelho e a reação de alguns alunos baseada nos costumes e tradições da etnia a que pertencem. As atividades precisaram, então, ser adaptadas para o uso do outro aluno como espelho e o resultado do ver-se espelhado no corpo do outro acarretou algumas dificuldades de lateralidade. Por outro lado, a reorganização do espaço da sala de aula em formato de roda ressignificou o espaço de aprendizado e convidou os alunos a participarem mais ativamente da atividade, como observa o psicomotricista Esteban Levin. O uso da música foi o recurso final para completar a atividade, aproximando os alunos e fazendo com que eles memorizassem o que aprenderam por meio do ludicidade.

**Palavras-chave:** Psicomotricidade e aprendizado, Ludicidade, Esquema corporal, Lateralidade, Cultura indígena potiguara.

### INTRODUÇÃO

Partindo de uma ideia simples, tentamos introduzir uma atividade lúdica em um grupo de crianças de seis a sete anos de idade dos primeiros anos de ensino fundamental em uma escola municipal na aldeia mãe de indígenas potiguaras. O objetivo era trabalhar com as crianças alguns elementos psicomotores como esquema corporal, lateralidade, orientação espaço-temporal e equilíbrio. A atividade incluía ensinar as partes do corpo, colocar um

---

<sup>1</sup>Doutor pelo Curso de Literatura Brasileira da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-RJ – RJ, dschittine@yahoo.com.br; cursando Formação Pedagógica em Pedagogia da Uniasselvi.

<sup>2</sup>Graduado pelo Curso de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio - RJ renata\_nunes2003@yahoo.com.br; cursando Formação Pedagógica em Pedagogia da Uniasselvi.

espelho para que as crianças tomassem consciência da própria imagem no mundo, depois usar uma venda de olhos para que elas notassem a permanência da corporeidade mesmo que não pudessem mais se ver. Por último, a abertura de uma roda de música e brincadeiras que fizesse com que absorvessem o que aprenderam de forma lúdica por meio da dança e das letras de músicas.

Um dos maiores desafios que se colocam quando estamos trabalhando com educação é a distância entre o que aprendemos na teoria e como podemos implementar o aprendizado em sala de aula. O presente trabalho foi o resultado de um exercício que nos foi proposto: realizar uma atividade de brinquedoteca que trabalhasse a psicomotricidade com crianças. Ao chegar à escola nem sempre encontramos o espaço ideal para se realizar uma brinquedoteca. Espera-se que o espaço da brinquedoteca, segundo Santos, seja um espaço para ludicidade, prazer, emoção, vivências corporais e desenvolvimento da imaginação. Nem sempre a sala de aula possui a disposição e principalmente o ambiente propício para que a criança solte sua imaginação e possa pensar de forma lúdica. Cabe então ao professor reorganizar o ambiente de sala de aula para torná-lo um convite para uma interação nova e imaginativa com o aluno.

Trabalhar psicomotricidade com as crianças também esbarra em uma outra questão, a de desenvolvimento em cada fase ou idade. Temos sempre que levar em consideração que as crianças por motivos particulares ou culturais podem apresentar desenvolvimento psicomotor diferente. Conforme um grupo de autores — entre eles o psicólogo René Zazzo, o psiquiatra Julian Ajuriaguerra e o psicólogo Joël Defontaine — a aquisição das habilidades de discriminar direita-esquerda já começam a aparecer aos seis anos e se refinam por volta dos oito. Na prática, a atividade foi realizada com uma turma de Ensino Fundamental constituída de crianças de seis e sete anos que ainda não haviam sido apresentadas às noções de lateralidade e, no entanto, não tiveram dificuldade de aprenderem naquele momento e as utilizarem na atividade.

Uma última especificidade deste trabalho é o lugar em que ele foi realizado, não uma escola qualquer, mas uma escola dentro da maior reserva de indígenas potiguaras. O Centro Social São Miguel é uma escola municipal localizada na Baía da Traição, Paraíba, lugar em que existem treze aldeias indígenas de Potiguaras, a escola fica na aldeia mãe. A ideia dentro dessas escolas municipais é associar as linhas de aprendizado do programa geral escolar com a cultura e particularidades do povo indígena. Neste sentido, a instituição acolhe e respeita as diferenças, hábitos e tradições dos alunos indígenas e mestiços que ali estudam (os filhos de indígenas com “particulares”, como são chamados os brancos). A equipe pedagógica da escola é formada por indígenas: professores e diretora. O fato de ter sido feito neste lugar, e



não em outro, levou o exercício a percorrer caminhos bem específicos já que foi realizado dentro de uma perspectiva intercultural, que implica, segundo Barbosa, uma inter-relação de respeito e reciprocidade entre culturas.

## CONTEXTUALIZAÇÃO

Os Potiguara vivem na contemporaneidade junto às pessoas que não são indígenas, como cidadãos ativos e participantes na sociedade, de modo a não deixar de lado os seus costumes, suas crenças e, acima de tudo, priorizando a sua cultura e seus valores étnicos indigenistas. O termo “Potiguara” significa comedor de camarão. Conhecidos desde os primórdios da colonização, esse povo pertencia ao grupo tupi, nome dado a sua língua nativa. Atualmente, a nação Potiguara é constituída por 33 aldeias, habitando no litoral Norte com uma população de aproximadamente 20 mil indígenas, vivendo nos municípios paraibanos de Rio Tinto, Marcação e Baía da Traição. A terra Potiguara é um solo sagrado, um legado rico lembrado de geração em geração pelos anciões das aldeias, que valoriza e prioriza os seus costumes, crenças e religiosidades.

Diante de todo o processo de aculturação sofrido por esta etnia, os indígenas Potiguaras tiveram a iniciativa de ir à luta em busca de uma educação diferenciada e adequada aos seus hábitos e costumes. Neste sentido, conseguiram implantar em algumas aldeias, um ensino voltado à sua realidade. As escolas indígenas foram criadas como um espaço para formação indígena, tendo como objetivo preparar a criança para o convívio social e integrá-lo a sociedade, firmando também o seu espaço de formação cultural. Ou seja, manter as tradições e, ao mesmo tempo, integrar o aluno à realidade contemporânea fora da cultura indígena.

No caso das escolas indígenas, o sistema escolar segue os mesmos padrões das escolas comuns, funcionando dentro das aldeias, tendo como diferencial seu calendário escolar, pois fazem adaptações de acordo com sua cultura e costumes e também requer mudanças pedagógicas internas e externas, tanto na sistematização do ensino dentro das escolas como na educação construída desde o berço por seus familiares. Essas diferenças, de certa forma, estão nas diretrizes curriculares. Nas escolas são ensinados os conteúdos em português e acontecem também as aulas de tupi.

A educação indígena refere-se ao processo próprio de transmissão e produção dos conhecimentos dos povos indígenas e está diretamente envolvida nos processos de conhecimentos empíricos, voltada aos conhecimentos transmitidos por seus familiares, seus

costumes e tradições, que são passados de pai para filho. Ainda é intrasocial atrelada às relações interpessoais, isso acontece no contexto social em que se vive, dispensando em alguns casos o acesso à escrita para construir conhecimentos universais caracterizadas pela transmissão oral do saber socialmente valorizado através da construção de conhecimentos adquiridos pela sua família e no meio social em que vive, valorizando a cultura e as diversidades.

A escola é a única instituição própria dos povos colonizadores, mas neste caso é responsável pela transmissão dos conhecimentos não indígenas. A escola onde foi aplicada a atividade de brinquedoteca está situada na Aldeia São Francisco no município da Baía da Traição, que consta de treze aldeias cada uma com uma escola municipal. A aldeia São Francisco é a aldeia mãe, são os únicos índios brasileiros que permanecem no mesmo território desde antes do descobrimento do Brasil. É o povo da etnia com pouca miscigenação, e mais característica em termos de traços físicos indígenas e o jeito da fala. A escola de Ensino Fundamental Centro Social São Miguel atende somente as crianças da Aldeia São Francisco. A diretora é indígena, assim como as professoras.

## **METODOLOGIA**

A ideia fundamental do trabalho era desenvolver de forma lúdica atividades com as crianças envolvendo a música que fizessem com que elas desenvolvessem aspectos psicomotores como esquema corporal, lateralidade, orientação espaço-temporal e equilíbrio. Um desempenho motor adequado no desenvolvimento infantil pode auxiliar enormemente no processo da atividade escolar de leitura e escrita, por exemplo. A música é um dos principais facilitadores para que as crianças possam aprender de forma prazerosa e lúdica. Muitas crianças, com exceção de uma menina por conta da família, não faziam ainda a diferenciação entre o lado direito e esquerdo e coube ao monitor que foi fazer a atividade com elas introduzir o conceito de lateralidade pela primeira vez com o consentimento das professoras.

A atividade foi organizada para ser desenvolvida num intervalo de tempo de 40 minutos e o plano original tinha como material auxiliar um espelho, para que a criança se visse refletida e pudesse tocar as partes do corpo as observando no espelho. Como a escola não possuía o objeto foi necessária uma adaptação da atividade: os alunos foram divididos em duplas e usaram o corpo do outro colega como espelho de seus movimentos. A atividade previa também que as crianças usassem um lenço para vendar os olhos e realizarem os comandos sem poderem ver diretamente seus corpos.



Eles foram desafiados a mostrar e tocar elementos essenciais do corpo primeiro com e depois sem a venda nos olhos: cabeça, peito, braço, barriga, pés e pernas. Depois o reconhecimento de partes do rosto (nariz, olhos, boca, queixo, sobrancelhas e cílios). Os nomes de cada dedo também foram apresentados às crianças para que elas depois pudessem nomeá-los e levantá-los um a um. Depois elas foram divididas em pares e colocadas de frente umas para as outras para repetirem os movimentos como em um espelho e entenderem que o lado esquerdo de uma será o lado direito da outra. Durante a atividade foram escolhidas músicas que tivessem uma relação direta com o que se desejava ensinar para as crianças. O repertório incluiu: “Estátua”, “Cabeça, ombro, joelho e pé”, “Mexa os dedinhos”, “Bate a mão, bate o pé”, interpretadas pela Xuxa, e “Mexo o meu corpo”, *Músicas e canções para crianças*. Então, a roda de música surgiu para fechar as atividades e descontraír os alunos.

As atividades foram registradas em fotografias para depois serem discutidas e observadas pelo grupo que estava estudando.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Esta atividade pode ser feita dentro ou fora da brinquedoteca utilizando um espaço ao ar livre ou até a sala de aula. Eventualmente é possível transformar o espaço do cotidiano de aprendizagem em uma brinquedoteca, basta fazer uso da imaginação e adequar o ambiente com os elementos que caracterizam a brinquedoteca: ludicidade, imaginação, imitação e aprendizado. Neste caso especificamente foi necessário afastar as carteiras e a mesa da professora e transformar a sala de aula comum e corrente em um local em que as crianças pudessem brincar e se permitir fazer os exercícios corporais.

Nomear cada parte do corpo leva a criança possa entender a sua espacialidade, o lugar que ocupa no mundo e a função de cada uma das partes de seu corpo. O ato de vender os olhos faz com que a criança desenvolva a consciência de que seu corpo existe mesmo quando ela está de olhos fechados. Segundo Gobetti (2021), a percepção do próprio corpo e a percepção dele no espaço e no tempo contribuem para o desenvolvimento dos aspectos motores, físicos e cognitivos da criança. Em muitos casos, os problemas de desenvolvimento motor nos primeiros anos podem levar a criança a ter dificuldades de aprendizagem.

Desenvolver a lateralidade, ou seja, o domínio de um dos lados do corpo, é uma característica capital para a criança. Uma vez que ela tenha um lado preferencial para desenvolver tarefas motoras o outro vai atuar em auxílio. Vayer (1985) adverte que uma educação dirigida ao corpo inteiro é a única forma de afinar a lateralidade completa. Trabalhar



com as crianças os aspectos da lateralidade usando o espelho e a referência do corpo do professor e outros colegas contribui para potencializar este refinamento. Lembrando que a consolidação da lateralidade muitas vezes acontece na criança concomitante com a orientação de seu esquema corporal. O importante de se fazer esta atividade com seis anos é que, segundo Ajuriaguerra (1980), até os cinco anos, os elementos motores são dominantes e a aquisição da dominância lateral é pela prevalência dos elementos visuais e topográficos.

A roda de música e atividades desenvolve a ludicidade, ritmo e o tônus (o que permite o indivíduo se relacionar com o meio ao seu redor). Cantar e dançar desenvolvem a atenção e o equilíbrio e usar músicas que lembrem as partes do corpo faz com que as crianças aprendam de forma lúdica e se movimentando e automaticamente faz com que elas memorizem com mais facilidade.

O uso da musicalização pode parecer predominantemente lúdico, mas também desperta o aprendizado do ritmo, o prazer de ouvir música, a imaginação e a sensibilidade. E um dos pilares do desenvolvimento infantil como vimos está na afetividade, além da cognição e do aspecto motor. A música estimula o querer-fazer da criança, e portanto seu aspecto emocional. Segundo Bréscia (2003), a musicalização também desenvolve autodisciplina, memória e atenção. O importante é que ao cantar a criança está conhecendo melhor a si mesma e estabelecendo relações com o ambiente em que vive, mais uma vez socializando, dividindo e compartilhando o ato cultural inserido nas letras das cantigas, parlendas e no jogo do corpo ao dançar.

O esquema de roda retira os alunos da imobilidade que a sala tradicional exige, realizar estas atividades com crianças na passagem dos seis para os sete anos pode ser um ganho já que como explica o psicomotricista argentino Esteban Levin dentro das escolas:

Com sete anos, os alunos são colocados em carteiras, precisam ficar quietos, supostamente prestando atenção no mestre — forma pela qual estariam incorporando conteúdos. [...] Os momentos de usar o corpo ficam restritos à hora do recreio e às aulas de Educação Física. É como se a escola dissesse ao aluno: na pré-escola, você brinca; na primeira série, começa a estudar. Mas o estudo deveria estar totalmente ligado ao movimento corporal. (LEVIN, 2005, P. 2)

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Embora em teoria as crianças já estivessem na idade de terem sido orientadas quanto à lateralidade, elas ainda não tinham sido apresentadas ao conteúdo de diferenciar o lado direito do lado esquerdo. Então, esta parte do conteúdo foi apresentada diretamente pela acadêmica

que fez a atividade com as crianças. Por terem entrado em contato com o novo conhecimento por meio de uma nova orientadora, elas só se sentiram à vontade de realizar a atividade com a presença dela. Ou seja, associaram diretamente a facilidade de dar continuidade ao aprendizado guiadas pela pessoa que as apresentou à novidade. A atividade foi feita com onze alunos e entre eles apenas uma menina tinha a ideia de diferenciação entre lado esquerdo e direito.

Duas barreiras se interpuseram em relação à teoria e à proposta que havíamos pensado inicialmente para a atividade. A primeira foi em função do material, a escola não tinha um espelho. A saída encontrada antes mesmo de aplicar a atividade foi a de fazer um trabalho em duplas, usando o outro aluno como um espelho. No entanto, esta solução gerou algumas confusões para o grupo de crianças que ainda não tinham uma clara noção de lateralidade. A segunda barreira foi cultural. Algumas crianças, notadamente três meninos, não participaram da atividade, uma parte deles por timidez e um especificamente por hábitos familiares. Segundo as professoras, tanto o pai como o irmão desse aluno frequentaram a escola sem levar lápis ou caderno, bem como sem participar ativamente das atividades escolares.

Possivelmente os alunos sentiram falta de contextualizar o trabalho corporal dentro de sua própria cultura. Num segundo momento, se fosse possível um desdobramento da atividade, seria interessante pedir para que os alunos perguntassem em suas famílias que brincadeiras são feitas dentro da sua cultura para aprender e designar as partes do corpo e os lados direito e esquerdo. Esta seria uma forma de trocar aprendizados entre as culturas.

Quanto à importância da disposição das carteiras e de organizar os alunos em roda, a quebra de rigidez do espaço da sala de aula facilitou a aproximação dos alunos e sua participação e sociabilização, exatamente como Esteban Levin previu. Mas a participação ainda se tornou mais efetiva com o uso da música e da dança, reafirmando a importância da musicalização e da movimentação corporal para despertar o interesse do aluno e seu envolvimento no aprendizado.

Em muitos aspectos a atividade pode ser considerada bem-sucedida uma vez que as crianças se sentiram com autoestima e interesse suficiente para aprenderem algo novo com uma pessoa que não era as já conhecidas professoras. Foi um aprendizado ministrado no momento da atividade e que desafiou os pequenos a fazer algo novo, muitos deles conseguiram. Cientes de que precisavam de alguém para monitorá-los e seguros de estarem próximos a estas pessoas, as crianças se lançaram ao exercício, primeiro com timidez, depois tentando vencer as dificuldades provenientes da noção de lateralidade até chegarem ao



momento de se desinibirem e dançarem, demonstrando equilíbrio, ritmo e consciência corporal.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentar algo completamente novo a uma turma de alunos pode gerar uma série de reações diferentes. O impacto mais positivo da prática foi a disponibilidade da maioria das crianças de aprenderem sobre algo que para muitas ainda era novo. As mudanças no ambiente de sala de aula e a introdução de um orientador diferente de suas professoras para promover a atividade parece ter encorajado alguns alunos.

Por outro lado, um grupo pequeno de alunos não quis participar da atividade proposta, inclusive mantendo uma postura corporal de não envolvimento: mantiveram-se sentados em suas carteiras escolares. Os motivos podem ter sido os mais variados: entender o espaço de sala de aula como um espaço fixo que não deve ser transformado em lugar de brincadeiras e ludicidade, não reconhecer na figura da orientadora a autoridade necessária para coordenar uma atividade em sala de aula, timidez, e o que tivemos como resposta mais imediata das professoras: um motivo cultural. Infelizmente estes alunos não conseguiram usufruir diretamente da atividade, embora nada nos garanta que a prática não os tocou de certa maneira.

O fundamental é que todos passaram pela experiência de transformar a sala de aula num espaço de brincar e um brincar com a intenção de aprendizado. A roda com músicas e brincadeiras com as partes do corpo foi o ponto alto, que permitiu aos alunos aplicarem o que conheceram na atividade e interagirem mais notadamente com os outros alunos e os professores em sala de aula, reforçando a importância do psicossocial no aprendizado escolar e da escola como lugar essencial para se trabalhar a corporeidade.

Segundo Levin (2005) incentivar uma relação saudável com o próprio corpo e o uso dele na aprendizagem são práticas que merecem ser cultivadas por toda a escolaridade. Qualquer trabalho dentro ou fora de sala de aula que estimule o aprendizado por meio da corporeidade de forma lúdica encontra mais chances de absorção pela criança. Sempre existe uma primeira vez e se ela for marcante e positiva pode deixar boas recordações. A memória desse aprendizado e do prazer emocional relativo a ele permite uma facilidade de fixá-lo. “O uso do corpo permitirá que essas lembranças sejam prazerosas e a pessoa vai associar o aprendizado a sensações gostosas” (LEVIN, 2005, P. 3).





## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AJURIAGUERRA, Julian de. **Manual de psiquiatria infantil**. Rio de Janeiro: Masson do Brasil, 1980.

BRÉSCIA, Vera Pessagno. **Educação musical: bases psicológicas e ação preventiva**. São Paulo: Átomo, 2003.

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 1998.

DEFONTAINE, Joël. **Manual de reeducacion psicomotriz: primer año**. Barcelona: Editorial Médica e Técnica, 1981.

GENTILE, Paola. **Esteban Levin “O corpo ajuda o aluno a prender”**. Nova escola: 1 de fev. 2005. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/896/esteban-levino-corpo-ajuda-o-aluno-a-aprender>. Acesso em: 13 set. 2022.

GOBETTI, Grazielle Muniz. **Como o esquema corporal influencia no desenvolvimento infantil?** Centro Envolvere. Disponível em: <https://centroevolvere.com.br/blog/como-o-esquema-corporal-influencia-no-desenvolvimento-infantil/#:~:text=Ter%20uma%20imagem%20mental%20representativa,aspectos%20motores%2C%20f%C3%ADsicos%20e%20cognitivos>. Acesso em: 15 de set. 2022.

LE BOULCH, Jean. **O desenvolvimento psicomotor: do nascimento: do nascimento até os 6 anos**. Porto Alegre: Artes médicas, 1982.

SANTOS, Sandra Marli Pires dos. **Brinquedoteca: lúdico em diferentes contextos**. Petrópolis: Vozes, 2000.

VAYER, Pierre; TOULOUSE, Pierre. **A linguagem corporal: a estrutura e a sociologia da ação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

WALLON, Henri. **As origens do caráter da criança**. São Paulo: Difusão Europeia, 1971.

ZAZZO, René. **Manual para o exame psicológico da criança**. São Paulo: Mestre Jou, 1981.